



Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal

v. 26 · 2025 · p. 98-104 · e-ISSN 3086-1438

Orgone, chi e energia vital

Por que algumas energias são mais aceitas do que outras?

Orgone, Chi, and Vital Energy

José Henrique Volpi (1)

(1) Centro Reichiano · Curitiba-PR · Brasil

Resumo

O artigo discute os conceitos de orgone, chi e energia vital, explorando como diferentes culturas nomeiam e interpretam forças sutis que animam a vida. Analisa por que algumas dessas energias são mais aceitas pela ciência e pela sociedade do que outras, relacionando crenças, contextos históricos e visões filosóficas. A partir da psicologia corporal reichiana e das tradições orientais, reflete-se sobre a resistência cultural ocidental à aceitação do invisível como real. O texto convida à reflexão sobre como o modo de pensar científico e simbólico molda a compreensão da vitalidade humana e do corpo energético.

Palavras-chave: Chi; Energia vital; Orgone; Psicologia corporal; Reich.

Abstract

This article discusses the concepts of orgone, chi, and vital energy, exploring how different cultures name and interpret subtle forces believed to animate life. It examines why some of these forms of energy are more readily accepted by science and society than others, relating such differences to cultural beliefs, historical contexts, and philosophical perspectives. Drawing on Reichian Body Psychotherapy and Eastern traditions, the article reflects on the Western cultural resistance to accepting the invisible as a legitimate aspect of reality. The discussion invites readers to consider how scientific and symbolic modes of thought shape our understanding of human vitality and the energetic body.

Keywords: Body Psychotherapy; Chi; Orgone; Reich; Vital Energy.

Introdução

Desde a Antiguidade, culturas de todo o mundo reconheceram a existência de uma força ou energia vital que conecta corpo, mente e espírito. Mas por que algumas dessas energias são amplamente aceitas — como o Chi da medicina chinesa — enquanto outras, como o Orgone de Wilhelm Reich, enfrentam resistência e críticas? Neste artigo,

investigamos essa questão à luz de contribuições históricas, psicológicas, com ênfase em psicologia corporal, e científicas, com o intuito de identificar por que certos conceitos obtêm maior legitimação institucional e cultural que outros.

A ideia de “energia vital” não é nova

Durante milênios, diferentes tradições reconheceram formas de energia que circulam no corpo humano e afetam a saúde física e emocional. Por exemplo, o Qi, também chamado de “Chi”, na medicina tradicional chinesa (MTC), é descrito como uma energia que flui pelos “meridianos” do corpo. O equilíbrio desse fluxo é considerado essencial para a saúde (MACIOCIA, 2017). Em tradições indianas, o “Prana” exerce função análoga; no Japão, “Ki”; nas culturas polinésias, “Mana”. Em todas essas tradições, a noção básica é a de que existe um princípio sutil que anima a vida, ampliando-se a uma dimensão psicossomática do corpo.

Embora essas energias não possam ser detectadas diretamente por dispositivos modernos, as tradições desenvolveram sistemas terapêuticos complexos, duradouros e aplicados clinicamente. Na Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a acupuntura e práticas como o Qigong são reconhecidas institucionalmente em diversos países, e pesquisas indicam que podem ser benéficas para condições como dor crônica, ansiedade e regulação autonômica (HE et al., 2022).

Wilhelm Reich, psiquiatra e psicanalista austríaco, desenvolveu o conceito de “energia orgone” nas décadas de 1930 a 1950. Para ele, essa energia vital está presente em todos os seres vivos e no ambiente. De acordo com Reich (1973), bloqueios nessa energia, resultantes de repressões emocionais, sociais e corporais, poderiam levar ao desenvolvimento de doenças psíquicas e físicas. A “couraça muscular” representaria a manifestação corporal desse bloqueio. Ele criou técnicas terapêuticas, como a vegetoterapia, para flexibilizar essas couraças musculares, e dispositivos, como o “acumulador de orgone”, que permitiriam às pessoas serem expostas a essa energia para fins clínicos.

Contudo, a maioria dos cientistas não aceita a existência empírica do orgone nem os efeitos que lhe são atribuídos. Apesar de seguidores de Reich terem divulgado suas teorias e experimentos de maneira detalhada, possibilitando sua replicação segundo o método científico, muitos ainda insistem em dizer que não há evidências sólidas que confirmem a existência do orgone ou que provem a eficácia dos acumuladores de orgone no tratamento de doenças, como o câncer (SCIENCE FEEDBACK, 2022).

Mas então, por que o Chi é mais aceito que o Orgone? Podemos identificar alguns fatores que ajudam a explicar essa diferença de aceitação.

Tradição histórica e legitimidade cultural

O Qi está presente em sistemas milenares; por exemplo, a Medicina Tradicional Chinesa possui textos que datam da dinastia Han e se expandiu culturalmente. Essa historicidade confere legitimidade e institucionalização. Por outro lado, o conceito de orgone foi criado no século XX, fora de um contexto cultural amplo e consolidado, o que provocou resistência desde o começo.

Tradução para o paradigma científico moderno

O Qi e a MTC foram “traduzidos” para a medicina contemporânea por meio de processos como a investigação dos meridianos, a análise da eletrofisiologia dos acupontos e a avaliação dos efeitos da acupuntura em estudos clínicos. Existem pesquisas sistemáticas recentes, como He et al. (2022), que registram os efeitos da acupuntura e de outras práticas fundamentadas no Qi.

Em contrapartida, Reich buscou evidenciar o orgone por meio de dispositivos experimentais e declarações de efeitos físicos, como variações de temperatura em acumuladores. No entanto, esses esforços não foram replicáveis nem aceitos pela comunidade científica, sendo considerados pseudociência.

Conflitos institucionais, políticos e de norma científica

Reich teve conflitos com instituições científicas e regulatórias. Nos Estados Unidos, a Food and Drug Administration (FDA) interveio, determinando a destruição de acumuladores e litígios no caso legal de 1954-1956. Esse histórico de controvérsia institucional contribuiu para que o orgone fosse visto com maior desconfiança.

Continuidade institucional e pesquisa acadêmica

A Medicina Tradicional Chinesa e o Qi foram incorporados a programas acadêmicos, estudos clínicos e sistemas de saúde, com destaque para a China. Por outro lado, a escola reichiana de orgone não possui uma inserção acadêmica reconhecida de grande porte, e as pesquisas divulgadas são limitadas e frequentemente reunidas em revistas com viés interno, como o *Journal of Orgonomy*.

Contudo, ainda é viável discutir a “energia vital”, porém com a necessária prudência epistemológica. Na psicologia corporal e nas terapias somáticas atuais, o termo energia não é visto como uma substância física ou uma entidade mensurável, mas como uma metáfora funcional que ajuda a entender os processos concretos do corpo e da mente. Nesse cenário, o conceito de “energia” abrange a vitalidade, o movimento, a respiração, o tônus muscular, a pulsação emocional e a presença corporal — aspectos que podem ser observados clinicamente e modificados terapeuticamente (REICH, 1973; LOWEN, 1975; BOADELLA, 1991).

Quando se diz que “a energia está bloqueada”, essa afirmação não alude necessariamente a uma força física invisível, mas a padrões de rigidez corporal, contrações persistentes ou obstruções respiratórias que impedem a expressão emocional livre. Esses fenômenos podem ser explicados fisiologicamente — como tensões musculares persistentes, disfunções do sistema nervoso autônomo ou mudanças no ritmo respiratório — e tratados terapeuticamente por meio de técnicas corporais para liberar tensões musculares (REICH, 1973; BERNHARD, 2007).

Por isso, é fundamental diferenciar dois níveis de entendimento do conceito de “energia”. O primeiro nível é metafórico ou fenomenológico, em que o conceito atua como uma linguagem simbólica para representar experiências corporais e emocionais de fluxo, vitalidade ou obstrução. Esse é o significado predominante nas tradições orientais, nas práticas integrativas e nas psicoterapias corporais. O segundo nível é físico ou mensurável, que envolve a presença de uma entidade que pode ser quantificada, replicada e validada cientificamente.

Na medicina tradicional chinesa, o Qi, ou Chi, é considerado principalmente no primeiro nível, representando o equilíbrio dinâmico entre corpo, mente e ambiente. No entanto, algumas pesquisas recentes tentam encontrar correlatos bioelétricos e fisiológicos para sua ação (LI et al., 2020; HE et al., 2022). Por outro lado, o Orgone, introduzido por Wilhelm Reich, permanece predominantemente no âmbito metafórico e terapêutico, sem evidência experimental que o classifique como uma entidade física mensurável (REICH, 1973; SCIENCE FEEDBACK, 2022).

Essa diferenciação é essencial para preservar a rigorosidade científica, sem negligenciar a relevância clínica e simbólica das metáforas energéticas. Na prática terapêutica, o conceito de energia vital ainda é valioso como um modelo integrador que conecta corpo e emoção, possibilitando uma compreensão mais abrangente e vivencial do sofrimento

humano. Entretanto, sua validade epistemológica deve permanecer fundamentada na observação empírica e na consistência teórica, evitando a confusão entre metáforas clínicas e leis da física. Dessa forma, pode-se defender a utilização do conceito de energia vital como uma linguagem dinâmica e funcional, evitando reducionismos e declarações pseudocientíficas (CAPRA, 1996; MORIN, 2008).

Não é necessário escolher entre ciência ou tradição. Ambas podem coexistir como formas complementares de compreender o ser humano e a realidade. O essencial é manter um compromisso com a honestidade intelectual, prometendo apenas o que pode ser garantido por meio da observação, da experiência clínica e da pesquisa empírica. Tal postura dialoga com o pensamento de Feyerabend (1977), que propôs uma ciência pluralista, aberta a diferentes formas de racionalidade, reconhecendo que o conhecimento científico não deve ser reduzido a um único método.

Buscar evidências, sem abandonar a dimensão subjetiva e simbólica da experiência humana, é um dos grandes desafios da contemporaneidade. A psicologia corporal, inspirada nas contribuições de Reich (1973) e Lowen (1975), busca integrar a observação fenomenológica do corpo com princípios de autorregulação e vitalidade. Para esses autores, o corpo não é apenas um suporte fisiológico, mas um campo de expressão psíquica e energética — uma unidade funcional em que emoção, respiração e movimento estão interligados.

O diálogo entre ciência e experiência requer, portanto, uma postura de abertura epistemológica. Nem tudo o que é vivido pode ser imediatamente mensurado, mas isso não invalida o valor da experiência humana. Como ressalta Capra (1996), a ciência moderna começa a reconhecer a interdependência entre sistemas vivos, ampliando sua visão para incluir processos complexos, autorregulatórios e não lineares — conceitos que também ressoam nas tradições orientais sobre energia vital.

A clareza e a humildade na comunicação científica são igualmente essenciais. Evitar jargões e simplificar a linguagem sem banalizar o conteúdo torna o conhecimento mais acessível e democrático. Como defende Morin (2008), o verdadeiro rigor científico não está na fragmentação, mas na capacidade de articular saberes diversos.

Na psicologia corporal, trabalhar com o conceito de “energia” não é um dogma, mas uma prática vivida que busca integrar corpo, emoção e consciência. Essa energia pode ser entendida como a expressão da vitalidade e do fluxo pulsante do organismo — algo observável nos movimentos respiratórios, nas tensões musculares e nas dinâmicas

emocionais (BOADELLA, 1991). Quando abordada com ética, sensibilidade e rigor metodológico, a noção de energia vital torna-se um ponto de convergência entre saberes. Ela abre espaço para que a linguagem simbólica da tradição e a metodologia empírica da ciência se encontrem, gerando novas possibilidades de compreensão sobre o corpo e a subjetividade.

Assim, o diálogo entre ciência e experiência não é apenas possível, mas necessário. Ele enriquece a compreensão do ser humano, amplia as possibilidades terapêuticas e favorece uma visão mais integrada do cuidado, que respeita tanto o dado empírico quanto a vivência subjetiva. Trata-se, portanto, de um caminho que une o rigor da investigação científica à profundidade da experiência humana, reconhecendo que ambos são dimensões inseparáveis da mesma realidade viva.

Conclusão

Qi, Prana, Orgone — são nomes para tentar dar conta de um fenômeno que a ciência ainda não descreve plenamente, mas que muitos de nós já sentimos em momentos de vida, cura e reconexão. O convite aqui é: não aceitar tudo sem crítica, nem rejeitar tudo por medo. Em vez disso, construir pontes. E abrir espaço para que a psicologia corporal e as terapias somáticas sejam reconhecidas — não apenas por sua história, mas pelo cuidado, pela investigação e pela responsabilidade que colocamos no presente.

Referências

BERNHARD, Alice. *Psicoterapia corporal e o corpo energético: Reich revisitado*. São Paulo: Summus, 2007.

BOADELLA, David. *Correntes da vida: energia e padronização no corpo humano*. São Paulo: Summus, 1991.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HE, K.; LI, X.; QIU, B.; JIN, L.; MA, R. Comparative efficacy of acupuncture-related techniques for urinary retention after a spinal cord injury: a Bayesian network meta-analysis. *Frontiers in Neurology*, v. 12, p. 723424, fev. 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fneur.2021.723424/full>. Acesso em: 29 out. 2025.

LI, H.; YIN, Y.; HU, J.; LI, H.; WANG, F.; MA, C. An insight into acupoints and meridians in human body based on interstitial fluid circulation. *arXiv*, 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2012.13593>. Acesso em: 29 out. 2025.

LOWEN, Alexander. *Bioenergética*. São Paulo: Summus, 1975.

MACIOCIA, Giovanni. *Human energy and vital substances*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

REICH, Wilhelm. *Ether, God & Devil; Cosmic superimposition*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1973.

ZHOU, Z. et al. Traditional Chinese medicine injections with Tonifying Qi: systematic review and meta-analysis. *Journal of Traditional Chinese Medicine*, 2025. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40223935/>. Acesso em: 29 out. 2025.

Credenciais dos autores

José Henrique Volpi

Psicólogo (CRP-08-3685), Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Ericksoniana, Psicodrama e Brainspotting. Psicoterapeuta Corporal Reichiano, Analista psico-corporal Reichiano formado com o Dr. Federico Navarro (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Mestre em Psicologia da Saúde. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. volpi@centroreichiano.com.br

Como citar este artigo

VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 98-104, 2025. e-ISSN 3086-1438. Disponível em:

<https://centroreichiano.com.br/artigos/orgone-chi-e-energia-vital/>. Acesso em: 02/06/2026.